

Brasil continua na mesma posição

Composição sob imagem Gary Scott

Recentemente, a Unesco, agência das Nações Unidas encarregada das questões da educação e da cultura, divulgou seu *Relatório sobre o Ranking da Educação de 2009*, que engloba 127 países-membros. Pelo estudo revelado, o Brasil continua na mesma posição da pesquisa anterior, ou seja, mantém-se em 88ª posição, estando atrás de países como Cazaquistão, Croácia, Chipre e Lituânia.

Na América, fomos ultrapassados por Trinidad e Tobago, Argentina, Uruguai, Chile, Panamá, dentre outros países. Alguns, inclusive, de menor expressão econômica e social na economia global e que não estão dentre as 10 maiores economias do planeta.

Para medir a pontuação de cada país, a Unesco definiu um índice para medir o desempenho das nações em relação às metas de qualidade estabelecidas como alvo a atingir em 2015, e que foram aprovadas pela Conferência Mundial de Educação realizada em 2000, em Dakar.

Deve-se ressaltar que, dentre alguns dos objetivos a serem atingidos e propostos por Dakar, estão: ampliar a Educação Infantil, universalizar o Ensino Fundamental, combater as



José Carlos Rassier*

desigualdades de gênero e melhorar a qualidade sistêmica da educação.

Quando a Unesco estabelece os parâmetros da pontuação, contribuem para esta avaliação dados específicos e concretos de cada região. No caso do Brasil, levou-se em conta a existência, ainda, de 14 milhões de analfabetos formais e funcionais e o elevado número de crianças e adolescentes que continuam a abandonar a escola ou sequer ter acesso à mesma nos níveis intermediários.

Da mesma forma, quando comparamos os países avaliados, constatamos que o Japão está

ao PIB, monitoramento, controle e incentivo às inovações.

O não atendimento a essas premissas demonstra que o contrário também é verdadeiro, e isso explica por que, nas últimas posições, estão países do Oriente Médio, envoltos em conflitos bélicos, bem como as regiões mais atrasadas da África. Parece que a história está a mostrar que ciclos de miséria, guerra, ignorância e subdesenvolvimento condenam o futuro das sociedades de forma irremediável.

A crítica contundente em relação à situação brasileira não invalida reconhecer os esforços que estão sendo mantidos pelos diferentes

dados os países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ao avaliar os alunos de 15 anos nos quesitos leitura, matemática e ciências, revelou, como segue:

Nas ciências exatas, um dos parâmetros mundiais reconhecidos e aceitos, em que se pode medir, de fato, a capacidade do sistema de ensino-aprendizagem, os alunos do Brasil continuam a ter enormes dificuldades. Em matemática, o país atingiu uma média nacional de 386, ou seja, 111 pontos abaixo da média da OCDE. Na área da leitura, a situação também não é significativamente diferente, pois, em média, os alunos brasileiros atingiram apenas o nível 1, que, para fins do estudo, implica reconhecer que os estudantes, embora não sejam analfabetos, apresentam enormes deficiências de interpretação e análise de texto.

Na área das ciências, o Pisa demonstrou que 54,2% dos brasileiros avaliados ficaram no nível 1, ou seja, conseguem apenas entender o óbvio e têm enormes debilidades para usar ou compreender os conhecimentos desta disciplina.

Do ponto de vista das políticas públicas e dos desafios colocados à sociedade brasileira, as avaliações internacionais, elaboradas de forma isenta e criteriosa, servem como estímulo para o enfrentamento das deficiências e das mazelas educacionais. Afinal de contas, não se pode, de modo eficaz, combater uma doença sem conhecer o diagnóstico e as possibilidades de cura da mesma. ■

*Sociólogo e mestre em gestão pública

www.portalegp.com.br

... o Brasil continua na mesma posição da pesquisa anterior, ou seja, mantém-se em 88ª posição, estando atrás de países como Cazaquistão, Croácia, Chipre e Lituânia.

em 1º lugar e que nações que investem massivamente em gestão dos sistemas de ensino, como Alemanha, França e Inglaterra, estão entre as primeiras posições do ranking. Tais sociedades perceberam, há bastante tempo, o valor agregado da educação no desenvolvimento de um país e de seu povo.

Essas nações não atingiram níveis elevados de educação sem conjugar a boa administração de um conjunto de fatores, que, à semelhança do que propomos no *Programa Educidades - Cidades da educação* (www.educidades.org.br), devem oferecer soluções gerenciais, tecnológicas, didáticas e pedagógicas integradas a competentes sistemas de avaliação, investimento público em relação

níveis de governo, como, por exemplo, as ações que resultaram na elevação do Ideb, que, de 3,8 em 2005, atingiu média 4,6 em 2009. Ocorre que, com cerca de 31,7 milhões de matrículas no Ensino Fundamental e de 8,3 milhões no Ensino Médio, e com uma taxa de aprovação média de 81,3% no Ensino Fundamental, nas séries iniciais, o país deve ter pressa, pois, em diversos quesitos, comparativamente às demais regiões do mundo, estamos em grande desvantagem.

Para continuar exemplificando, basta dizer que taxa de aprovação não significa necessariamente capacidade de conhecimento, pois basta ver o que o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), que usa como base de